



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16212 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 24 - Educação e Arte

Narrar sobre escolas e escrever com as imagens: A escrita poética como pesquisa.  
 Breno Felipe Araujo de Oliveira Gomes - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
 Aldo Victorio Filho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Intentamos neste texto uma reflexão sobre a escrita poética como proposta de pesquisa em educação e artes. Uma tomada poética que nos parece lograr mais êxito na abordagem e perscrutação das vidas nas escolas. Além e aquém das impossibilidades, nos interessa pensar as possibilidades de assumir a escrita poética como possibilidade de captação do fugidio, do passado continuamente inventado, seja pelas narrativas políticas ou quaisquer outras que logram fixar imagens do, efetivamente irrecuperável, acontecimento, visto que só narrativas ousam alguma autenticidade na recuperação do que se foi e do que é, do que acontece frente, com e através, as nossas presenças nos espaços investigados, em detrimento da formalidade engessada, às vezes pernóstica, às vezes insuficiente, da escrita científica. Trabalharemos aqui a partir da proposta de pesquisa pós-qualitativa aliada às propostas de pesquisa com os cotidianos, de modo a encontrar ou criar uma prática investigativa a partir da qual se alcance os fenômenos que fazem parte das realidades que nos interessa investigar.

A primeira abordagem, se dirige ao panorama aberto dos espaços e tempos que catalisam nossa atenção e afeto, as muitas dimensões das escolas. Sem definirmos previamente o que desejamos alcançar, mas, de certa forma, já intuimos e aspiramos, compreendemos que o que vamos saber, mais como percepção

sensorial do que analítica, portanto mais afeto à experiência estética do que a redução ao logos, se dará com a participação inegável do jogo entre o desejo e a aspiração, ou seja, o que o investigador deseja encontrar; desejo se desfarça a todo momento sob o peso da consciência de que a pesquisa implica no desconhecido, no inesperado, que pode ser, portanto, o oposto das idealizações do investigador. Contudo, nos referimos não à consciência controladora dos envolvidos, antes, ao que persiste para além da razão. Esta perspectiva busca uma forma de conceber e percorrer a investigação livre de uma ordem, uma estrutura pré-estabelecida, direcionando-se, portanto, ao imprevisível, considerando o impensável, o desconhecido. Para produzir ou assimilar novas formas de conhecimento, necessitaríamos então da ousadia na criação de diferentes perguntas e diferentes metodologias. Metodologias relâmpago que emergem em cada particularidade do ato investigativo, assim como são substituídas por outros meios na sequência do percurso da pesquisa, assim a invenção de um meio ou recurso pavimentará a criação de novos atos necessários à investigação. A proposta "pós-qualitativa" marca a impossibilidade entre a maneira de fazer da pesquisa qualitativa, contaminada pela oxidação das certezas e busca por generalizações universalistas e os "pós" (pós-estruturalismo, pós-modernidade, pós-humanismo, a virada linguística, as teorias feministas e outros momentos do pensamento que provocam repensar as estruturas colonialistas, patriarcalistas e racistas). Implica, portanto, em reconhecer as impossibilidades para abrir caminhos para a multitude de diferentes possibilidades de uma investigação "pós", "pós-qualitativa"/"pós-investigativa" (St Pierre, 2018).

A assertiva é de que precisamos compreender nos tempos e espaços insurgentes das salas de aula, o que vemos e o que nos toca sob o risco de apagarmos aspectos e elementos fundamentais à compreensão da atualidade escolar, e pior, corroborar com o ocultamento e até apagamento de práticas e poéticas significativas à sobrevivência das comunidades que habitam as escolas e as têm realizado. A proposta implica diretamente no enfrentamento de aporias, como compreender o incompreensível, recorrer ao imponderável, incorporar às urgências do *outro* que por força do hábito sequer tomamos conhecimento. O esforço de nosso trabalho, portanto, reside na aspiração, de uma forma ou de outra, à recuperação, a um só tempo, poética e cientificamente, das memórias, práticas, existências e narrativas que, desbotadas sob a luz seletiva da tradição cientificista ou rotas pelos usos inapropriados dos processos investigativos convencionais,

ainda constituem o não visto, o apartado, o desconhecido. Assim, reconhecendo a humanidade para além da frieza de normas racionais e excessivamente moralistas que permite adensar a percepção de tudo que oferece os cotidianos: "único motivo: amam-se uns alunos mais do que outros. Qual professora ou professor nunca fez da simples presença de um amado aluno ou de uma amada aluna o único motivo para ir trabalhar?" (CORAZZA, 2006).

Diante do presente, dentro da sala de aula, a escola afirmada pelo imaginário, que a reduz a uma ideia universal, se esvai e no lugar dela emerge algo que poderíamos nomear *acontecimento* (Foucault Apud ALVES, 2003). Não é certo que tudo dará certo e nem seria certo de que tudo daria errado, assim como os processos e ditames de uma aula estão entre o planejado no plano e o ordinário do extraordinário, nas possibilidades e oportunidades dos currículos praticados (OLIVEIRA, 2005). Debruçados sobre esses processos e ditames, mais erráticos do que parecem e menos controlados do que se poderia esperar, os estudos do/com cotidiano pretendem facilitar o entendimento das veredas do que acontece e pode vir a acontecer nas muitas dimensões das vidas das/nas escolas. Visto que, contra a força que pulsa, late, vibra rigidamente, não há resistência. Os cotidianos escolares dinamizam e produzem o que chamamos de redes de conhecimento, dos imaginários, da produção simbólica, do ideal possível ao inalcançável, ao sentido íntimo da utopia da educação (FILHO, 2018).

A contínua mudança das escolas evidencia que cada escola não é, e nem poderia ser, a mesma de anos atrás, pois cada uma das escolas, inclusive as que habitam o mesmo espaço e tempo de acordo com a perspectiva de suas contemplações e percepções (FILHO, 2017), não é a mesma de ontem e não será a mesma de amanhã. Apreender este fenômeno cotidiano, ordinário, sem perder a sua força e pujança de seus pequenos acontecimentos diários e extraordinários ao mesmo tempo, imbricados na rotina taciturna do dia a dia é o desafio sobre o qual lançamos nossos esforços. Como falar de algo que não é o mesmo de ontem, existe no presente e não sabemos propriamente o que será no futuro? O espaço tempo da sala de aula parece pairar sob o ar, rarefeito, dos conceitos entre as palavras e as coisas (FOUCAULT, 2016). As imagens que emergem da imbricação entre o significado e significante, a novidade e o anacrônico, a juventude e o mestre, nas salas de aulas e fora delas, que transmitem e transbordam *conhecimento* estão no escopo desta reflexão. A sala de aula ambientada na *cidade-tudo* (FILHO, 2018) que também é *cidade-imagem* aguça a

relação humana tão dependente da imagem quanto os primeiros homens, *homo sapiens*: “O homem cria-se de boca ao ouvido. [...] A boca vai nomear aquilo que vê, aquilo que trouxe ao mundo. A imagem é o solo natal da palavra” (MONDZAIN, 2015 p.57). E depois o mundo simbólico se instaura de tal maneira que para apresentar-se o humano representa. É através de uma reflexão em direção ao mundo imaginário, das ideias, que o homem cria e faz-se. Seguindo, através de uma rede simbólica de imagens já estabelecidas, ele reproduz e refaz mimeticamente; pedagogicamente o homem copia. Nesta cidade-tudo, convém não apartar o que está posto: as imagens, todas elas, fazem parte do mundo da educação, uma vez que o mundo dessas imagens é o mesmo mundo das nossas escolas.

### Referências

- ALVES, Nilda. Cotidiano e cultura escolar. Revista Brasileira de Educação. n 23. Maio de 2003
- CORAZZA, Sandra Mara. Artistagens: a filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- FILHO, Aldo V. Cultura Visual: Cidade, artes visuais e educação in. Educação e Audiovisualidades. Curitiba: Appris, 2018.
- \_\_\_\_\_. et al. Alunos ensinam professores a ser professores na escola que não é mais escola. Periódico de Educação UFSM, Santa Maria, v. 42 n. 3, p. 597-614 set./dez. 2017
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2016.
- MONDZAIN, Marie-José. *Homo spectator: ver > fazer ver*. Lisboa: Orfeu Negro, 2015.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- ST. PIERRE, Elizabeth A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à pós-investigação. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez. 2018